

MEMÓRIAS DE UM TENENTE OPOSICIONISTA: RELATOS DE CLETO CAMPELO AO JORNAL DO RECIFE (1922-1923)

Maria Dulce Bandeira de Sousa Leal
Mestranda em História
PPGH - UNICAP
mdulceleal@hotmail.com

RESUMO

Neste artigo, abordaremos parte da trajetória do tenente Cleto Campelo Filho relatada por si mesmo. A escolha desse tema foi motivada pelo aperfeiçoamento de uma pesquisa mais ampla, ainda em andamento, referente a "*um estudo de caso, sobre o assassinato do tenente Cleto Campelo e suas representações na cidade de Gravatá-PE"* - realizada no mestrado em História Profissional da Universidade Católica de Pernambuco. Desta forma analisaremos, alguns relatos - um misto de memória, crônica, e itinerário - assinados pelo próprio Cleto Campelo e publicados semanalmente no Jornal do Recife entre os anos de 1922 e 1923. Tais escritos, produtos de uma época com inúmeras querelas políticas ligadas a insatisfação tanto de parcelas da sociedade civil quanto militares, são fontes ricas para entendermos detalhes do Movimento Tenentista em Pernambuco. Para nos guiarmos nessa análise nos valeremos, principalmente, do norte de Tânia Regina de Luca, em relação ao tratamento das fontes jornalísticas impressas e de François Dosse, quanto ao trato com o desafio biográfico.

Palavras-chave: Cleto Campelo; memória; imprensa.

- **Cleto Campelo e o Movimento Tenentista**

> Na vida real não lidamos com deuses, mas com humanos tão comuns quanto nós mesmos. São homens e mulheres cheios de contradições, que

> são estáveis e inconstantes, fortes e fracos, famosos e infames (Nelson Mandela)

Escrever sobre uma vida não é tarefa fácil, contudo, como diria François Dosse (2009, p. 11) dados biográficos podem ser elementos privilegiados na reconstituição de uma época com seus sonhos e angústias. Iniciamos o nosso trabalho situando o leitor, fornecendo subsídios básicos sobre o personagem que protagoniza nossa narrativa: Cleto da Costa Campelo Filho (29/12/1898 – Recife – 18/02/1926 – Gravatá).

Nascido do casal Cleto Campelo e Maria Olímpia, respectivamente, um guardador de livros[1] e uma dona de casa. Assim, "os Campelo", compunham uma família de classe média, com o adendo de estar ligada a grupos com notório prestígio. Por conseguinte, era comum ser noticiada nas colunas sociais.

Cleto Campelo Filho, destacava-se, dentre outras coisas, por ser um exímio orador, militar e futebolista – em época de franca ascensão desse esporte, era atleta do Torre Sport Club[2]. Em 1918, foi estudar na Escola Militar do Realengo – sendo declarado aspirante-a-oficial em 1921. Promovido ainda, nesse ano, a segundo-tenente, chegando a primeiro-tenente em 1922.

A década de 1920 foi um período muito conturbado para o Brasil, coincidindo com o início da vida militar de Cleto Campelo, que chega a primeiro-tenente, exatamente, no ano peculiar de 1922, com acontecimentos que reverberam até hoje como a Semana de Arte Moderna – em São Paulo, a criação do Partido Comunista, comemorações da independência do Brasil, e o início dos levantes militares contra o governo de então.

Esses levantes militares, que ficaram conhecidos como Movimento Tenentista, tiveram grande repercussão, inclusive, constam nos livros didáticos onde enfatizam os ocorridos nas regiões Sudeste e Sul, quais sejam: "A revolta do Forte de Copacabana" (1922), "A Revolta Paulista" (1924) e a "Coluna Prestes" (1925-1927).

Destaquemos, no entanto, que o tenente Cleto Campelo fez parte desse Movimento, e a sua morte, em Gravatá/PE, deu-se num levante antigovernista, e pouco encontramos nos livros que se refiram a ele como integrante de tal movimento. Souza Barros, refere-se em

[1] Despachante, similar a um contabilista atualmente.
[2] Apesar de extinto, o Torre (TSC) era uma das forças do futebol pernambucano na década de 1920, sendo tricampeão da liga.

sua obra, longe de ser um livro didático, a este acontecimento como “Movimento Cleto Campelo” ou “Sublevação Cleto” (BARROS, 1972, p. 113-114).

Convém lembrarmos que o Brasil, em 1922, passava por uma série de agitações políticas, dentre elas a sucessão presidencial. Essa, transformou-se num ritual de passagem do poder que incluía alguma dose de instabilidade política e contemplava um ajuste entre os estados de Minas Gerais e São Paulo. A cada quatro anos intrigas, tensões e conciliações permeavam o pleito. (SCHWARCZ; STARLING, 2018, p. 352).

O então Presidente da República, Epitácio Pessoa, cujo governo provocou descontentamento e oposição generalizados, dos militares aos setores urbanos e às oligarquias paulista e mineira, precisou alinhar-se a candidatura do mineiro Artur Bernardes, com o compromisso de que o presidente seguinte seria Washington Luís, governante de São Paulo. (CPDOC, 2022, [s.p.]). Artur Bernardes saiu vitorioso, contudo, perante os tenentes era visto como ícone das oligarquias dominantes, logo, seu governo seria combatido por Cleto e seu grupo.

Em solo pernambucano a efervescência política, do início da década de 1920, também era perceptível tendo em vista que o governador José Rufino Bezerra Cavalcanti[3] afastou-se do cargo por ter sido acometido por uma doença grave, e veio a falecer em março de 1922. A sua morte ensejou novas eleições, em maio do referido ano de 1922.

As eleições no estado se polarizaram assim, Bernardistas, como Epitácio Pessoa e parte de sua família que residia em Pernambuco, os Pessoa de Queiroz apoiaram o Coronel Eduardo de Lima Castro, já os antibernardistas, como o senador Manoel Borba, apoiaram José Henrique Carneiro da Cunha que saiu vitorioso, embora, não tenha assumido o cargo.

O grupo de Bernardes contestou as eleições e os antibernardistas responderam as provocações. Com o confronto envolvendo forças militares de um lado, e do outro lado veio a ameaça de intervenção em Pernambuco. Em seguida as duas facções entraram em acordo, e o juiz Sérgio Lins de Barros Loreto foi eleito e empossado governador. (CPDOC, 2022, p. 2).

[3] Nasceu em Vitória de Santo Antão, 1865 – faleceu em Recife em 1922. Foi deputado federal por Pernambuco 1906-1914; ministro da Agricultura 1915-1918; senador de Pernambuco 1918-1919; governador de Pernambuco 1919-1920.

O resultado das eleições, e a repercussão no estado, era amplamente divulgada pela imprensa pernambucana, como no caso do Jornal *do Recife* [4] que constatamos na reportagem do dia 1º de junho de 1922, que trazia em seu bojo os "dias rubros", ou seja, dias de combate, os quais o estado foi submetido.

Figura nº 1 – Dias rubros


ASSIGNATURAS

PAGAMENTO ADIANTADO

Jornal do Recife

FUNDADO POR JOSE' DE VASCONCELLOS

BUCO - ANNO LXV Nº 122 PROPRIEDADE E DIRECÇÃO DE LUIZ PEREIRA DE OLIVEIRA FARIA QUINTA FEIRA, 1 DE JUNHO DE

Resultado conhecido da eleição:

DIAS RUBROS

Os colligados implantam o terror. — O commercio totalmente fechado. — O exodo das familias. —

Fonte: Jornal do Recife, 1º/06/1922

Sobre a desordem em território pernambucano, o tenente Cleto Campelo mostrou-se inconformado. Sabia que parte desse arsenal negacionista em reconhecer o resultado das eleições provinha do Presidente da República com a chancela de seus sobrinhos – os Pessoa de Queiroz. Junto a parte oposicionista do exército rebelou-se, sendo punido. As transferências de seu estado natal, era uma represália comum imposta a Cleto, em contrapartida as denúncias aos maus tratos, eram levadas ao público via imprensa pelo próprio tenente.

Numa das transferências do tenente Cleto Campelo, chegou à Capital Federal resolveu dar uma entrevista ao periódico, *Correio da Manhã*. A mesma foi republicada pelo *Jornal do Recife,* no dia 13 de junho de 1922. Devido a esta entrevista foi preso, por trinta dias, na Fortaleza de Santa Cruz. Note-se que este mesmo jornal, oposicionista, era tanto

[4] Este periódico era, à época, oposicionista ao governo federal, e tinha como diretor o Coronel Luiz Faria.

fornecedor de notícias para Cleto, quanto publicador de matérias assinado por ele. Abordaremos a seguir algumas dessas matérias do "tenente-colaborador".

As reportagens assinadas por Cleto

> "Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim [...] (Brás Cubas - Machado de Assis)

Antes de continuarmos, é prudente reiterarmos: tanto Cleto Campelo quanto o Jornal do Recife eram oposicionistas ao governo federal estabelecido. Dito isto, lembramos que fizemos um esforço para trazermos à tona algumas informações desse periódico, levando em consideração o que foi dito pela historiadora Tânia Regina de Luca (2008, p. 140), quando adverte que precisamos ler o não-dito, isto é as entrelinhas do noticiário, desta forma devemos analisar minúcias como o dia da semana em que a matéria foi publicada, a página, as letras em destaque além de identificar cuidadosamente o grupo responsável pela linha editorial, estabelecer os colaboradores mais assíduos.

Vejamos a capa do periódico com a publicação do primeiro artigo/relato escrito por Cleto Campelo:

Figura nº 2 – Traslado de Cleto de Pernambuco ao estado de Goiás


ASSIGNATURAS

Jornal do Recife

PERNAMBUCO — ANNO LXV N 250

DOMINGO, 29 DE OUTUBRO 1922

Do Recife a Goyaz

Fonte: Jornal do Recife, 29/10/1922

O primeiro artigo, foi publicado na primeira página, no dia 29/10/1922, num domingo, e assim ocorreu semanalmente, por vários domingos, e sempre na primeira página. Os artigos sempre vinham intitulados: “Do Recife a Goyaz”. (Jornal do Recife, 29/10/1922)

Cleto Campelo inicia o seu relato citando o método utilizado por Machado de Assis no seu romance “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, ou seja, ele começa a narrar suas memórias pelo fim. Assim, começa por onde ele se encontrava, ou seja, de Ipameri, pequena cidade do Estado de Goiás, e descreve algumas características do local, como sendo um pequeno vilarejo, com duas grandes ruas paralelas cortadas por duas praças. E no viés político, ele não deixa de enaltecer a administração do gestor, que com o seu trabalho faz com que a pequena cidade consiga triunfar sobre a capital de Goiás.

E a partir daí verificamos o amor de Cleto Campelo por sua terra natal, vejamos em alguns trechos:

> Para sermos grandes nada nos falta:- o Atlântico molha nossas praias; rios caudalosos fertilizam os terrenos; canaviais embelezam os campos arrancando deles a riqueza; o azul do céu deleita o nosso olhar.
>
> Tudo isto é um incentivo para a luta pelo progresso e Pernambuco há de saber se aproveitar de seus dons naturais para que nunca fique abaixo de seus irmãos de Norte e Sul. (Jornal do Recife, 05/11/1922).

A partir do artigo publicado em 12/11/1922, Cleto Campelo volta a cronologia normal para explicar o motivo da sua transferência, tendo em vista que iniciou pelo fim, com o intuito de agradecer aos amigos que por ele muito fizeram e também para dar notícias suas. (Jornal do Recife, 12/11/1922).

E ele continua a sua explanação, dizendo que estava em sua residência em 17/05/1922, após os exercícios matinais realizados pelo batalhão, quando recebeu um bilhete do seu amigo, tenente José de Oliveira Leitte, para se apresentar ao Quartel General. E lá soube da sua transferência, e isso se devia a efervescência política em Pernambuco. E no dia 23/05/1922, partiu da sua terra natal, e como já dito anteriormente, foi uma forma de represália, pelo seu posicionamento político.

Diante das notícias que em cada parada, durante a viagem ele sabia, compreendeu que Pernambuco estava realmente convulsionado e uma revolta íntima o empolgou. Assim,

Cleto começou a refletir sobre o que mesmo de longe, desterrado, poderia fazer em benefício de Pernambuco ameaçado, e aí, resolveu dar um grito que pudesse ser ouvido pelo país inteiro. Precisava dizer a sua Pátria o que tinha visto na sua Terra.

Desta forma deliberou dar uma entrevista a um dos grandes jornais do Rio de Janeiro, logo que ali chegasse, mesmo sabendo que esta sua decisão poderia parar na prisão, no entanto não lhe deu importância. Só via Pernambuco a sua frente.

Assim que chegou ao Rio de Janeiro, dirigiu-se a residência do General Joaquim Inácio, grande amigo de Pernambuco e unido ao senador Manoel Borba por estreita amizade. E abaixo uma parte do seu o seu diálogo com o General:

> Ao chegarem as últimas do dia, levantou-se o general, soberbo e imponente em sua cólera, que dando um grande soco na mesa junto a qual eu estava, exclamou indignado:
>
> - E o exército em Pernambuco se sujeita a isso? Que fazem lá os nossos amigos?
>
> - Nada podem fazer, respondi. Eu, porém, posso. Vou agir. É preciso que o país inteiro saiba o que está passando em Pernambuco. Pode V. Exa. conseguir que eu fale ainda hoje ao Dr. Edmundo Bittencourt?
>
> O general dirigiu-se ao telefone e em seguida disse-me que o proprietário do "CORREIO DA MANHÃ" me esperava no dia seguinte às quatorze horas. (Jornal do Recife, 26/11/1922).

Aqui, abriremos um parêntese para expor parte dessa polêmica entrevista, proferida pelo tenente Cleto Campelo Filho, em 31/05/1922, que repercutiu não só na sua vida particular e militar, como de uma certa forma interferiu na política do Brasil, pode ter sido coincidência, no entanto, com menos de quarenta dias da referida entrevista estourava o primeiro levante militar, que foi a Revolta do Forte de Copacabana, em 05/07/1922.

Vejamos a parte inicial dessa entrevista, republicada no Jornal do Recife, no dia 13/06/1922, sob o título: "**A intervenção federal em Pernambuco."**

> Sensacional entrevista do brioso 2º tenente do exército, Cleto Campelo Filho. (Do 'Correio da Manhã' do Rio, edição de 31 de Maio último). O CRIME DOS PESSOA DE QUEIROZ HISTORIADO POR UM TENENTE DO EXÉRCITO.
>
> Transferido da 6ª região militar, em Pernambuco, para o 6º batalhão de caçadores, em Goiás, o 2º tenente Cleto Campelo Filho teve o orgulho de ver, assim, castigados pelo governo o seu civismo e o seu brio de militar que sabe honrar a farda do Exército.
>
> Perseguido pelo crime de não ser bernardista, ele contudo, não volta atrás das suas convicções e continua a manifestar pelo insultador da sua classe o mesmo desprezo de sempre.

Testemunha do que em Pernambuco tem ocorrido ultimamente, ninguém melhor do que ele nos poderia prestar informações minuciosas sobre o pretendido assalto dos irmãos Pessoa de Queiroz ao governo do grande Estado do norte.

Solicitado por nós, o tenente Cleto Campelo assim historiou o ignominioso caso da intervenção indébita da família do presidente da República naquela terra:

"Quando surgiu o incidente da carta toda guarnição de Pernambuco se colocou ao lado do general Cardoso de Aguiar, então comandante da 6ª região militar, que passou ao Sr. Nilo um telegrama hipotecando inteira solidariedade do seu comando. Pouco depois, constou que aquele general havia sido censurado, em virtude do que o Dr. Joaquim Pimenta, professor da Faculdade de Direito do Recife, promoveu um comício de desagravo ao comandante da região. Os sobrinhos do presidente da República, os Pessoa de Queiroz, entendendo ser o projetado "meeting" uma afronta ao tio, mandaram dizer ao professor Pimenta, que dissolveriam o comício a bala... O sr. Joaquim Pimenta foi ao quartel general, expondo ao comandante da região o que então se passava, duvidando, porém, que a ameaça se convertesse em fato.

[...] No dia 24 de novembro do ano passado o professor Joaquim Pimenta realizou o anunciado "meeting", e com efeito foi dissolvido a bala, como haviam ameaçado os sobrinhos do presidente da República, havendo luta em que tomou parte saliente um capanga empregado da casa Pessoa de Queiroz, conhecido por Carioca. Prendi-o e foi por mim levado à delegacia, onde foi lavrado o competente auto de flagrante.

Esse incidente deu em resultado uma luta meio declarada entre a guarnição e os sobrinhos do presidente, os quais como represália, fizeram retirar o general Cardoso de Aguiar, seu estado-maior e o comandante do 21º batalhão de caçadores.

Para evitar a condenação do facínora, os Pessoa de Queiroz subornaram juízes e, por meio de um *habeas corpus*, o capanga do pessoísmo foi posto em liberdade.

[...] O major Júlio Gonçalves de Azevedo, após ter recebido de presente do Sr. Romeu Pessoa de Queiroz, um cavalo que custou 1:200$000, em um "meeting" realizado num arrabalde de Recife, no auge do entusiasmo, fardado, subiu a tribuna e falou a assistência: "A farda do exército será a mortalha do povo pernambucano. O Exército está com o coronel Lima Castro. Para atacá-lo terão que passar por cima do 21º. Se este não chegar, virão o 22º da Paraíba, o 20º de Alagoas, o Exército inteiro".

[...] Daí em diante começaram as perseguições mesquinhas aos oficiais e praças dos batalhões, a ponto de se negar aos capitães o direito de licenciarem soldados, o arranchamento em massa dos soldados desarranchados e a obrigatoriedade de todas as praças de pret responderem a revista. Estavam as coisas nesse pé quando uma manhã recebi ordem do major Júlio Gonçalves de Azevedo para dispensar o meu auxiliar da Escola Regimental. Respondi-lhe que não o faria por não ter motivos para isso, dizendo-me o major que agiria sem minha autorização e que demitiria o meu auxiliar. Sindicando qual o motivo dessa exoneração, cheguei à conclusão de que o major Júlio Gonçalves de Azevedo convidara aquele meu auxiliar para distribuir retratos do coronel Lima Castro nas cidades

> de Jaboatão e Vitória, o que ele recusara fazer, arrastando a cólera do major. Sentido com essa exoneração, demiti todos os outros empregados da repartição. Desde então eu e o major não rocamos mais uma palavra, até o dia 11 de maio, quando fui chamado pelo major para uma entrevista particular.

No artigo publicado no dia 10/12/1922, Cleto conta que no dia 02/06/1922, foi à Copacabana, pois depois da sua entrevista ficou só aguardando a ordem de prisão, que já sabia ser certa.

Chegando ao gabinete do General Neiva, este o falou: "- Menino, sua questão foi em Pernambuco, por que não calou-se aqui? - General, calar-me diante do que está passando em minha terra seria covardia." (Jornal do Recife, 10/12/1922)

O General entregou-lhe uma folha para declarar se de fato foi ele que emitiu os conceitos exarados na entrevista publicada no "Correio da Manhã" em data de 31/05/1922.

A pedido do General para que ele levasse para casa e pensasse melhor antes de responder, ele assim o fez, e no dia seguinte devolveu assim preenchido:

> Ao Sr. General Neiva de Figueiredo, chefe de Departamento do Pessoal da Guerra.
>
> Em cumprimento à ordem do Sr. Ministro da Guerra, a mim transmitida em portaria datada de 1º do corrente mês, tenho a vos informar que assumo inteira responsabilidade das expressões contidas na entrevista dada por mim ao "Correio da Manhã" e publicada no dia trinta e um de maio do corrente ano.
>
> Quanto ao fato de oficiais nela aparecerem tenho a declarar que na referida entrevista, apenas relatei acontecimentos desenrolados em Pernambuco e se os nomes deles vieram a publicidade é porque se acharam envolvidos nesses mesmos acontecimentos relatados por mim.
>
> Capital Federal, 3 de junho de 1922 – Cleto da Costa Campelo Filho, 2º tenente. (Jornal do Recife, 10/12/1922)

No relato do dia 17/12/1922, Cleto conta da sua inevitável prisão, exatamente no dia 05/06/1922, um oficial da artilharia foi buscá-lo em casa, levando-o para o Forte de Copacabana, sede do distrito de Artilharia da costa. Sabido a causa da prisão, o tenente Cleto Campelo ficou por 30 (trinta) dias na Fortaleza de Santa Cruz, como já dito anteriormente, após cumprido essa pena/castigo ele seguiu para Goiás.

- **Considerações finais**

Procuramos neste artigo, como materialização a comunicação realizada no XVI Colóquio de História da Unicap, "radiografar" algumas das principais matérias que Cleto Campelo Filho assinou no Jornal do Recife, no ano de 1922. Inferimos com alguns pequenos relatos, visto a vastidão das reportagens, traços de um oposicionista ao regime, coligado com uma parte da imprensa, também com o mesmo alinhamento. Percebemos que durante as buscas na hemeroteca digital, parte da biografia de Cleto, quanto do Movimento Tenentista iam-se descortinando a nossa frente. Procuraremos continuar com o trabalho para traçar novas narrativas a respeito da meteórica vida de um tenente, de sua luta e legado, tendo em mente que personagens são frutos de uma época e precisam ser analisados em suas dinâmicas e contradições.

- **Referências**

a) Fontes

Jornal do Recife

HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. Disponível em: http://memoria.bn.br. Acesso em: 25 ago. 2022.

b) Bibliografia:

ASSIS, Machado. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Ática: 1997.

BARROS, Souza. **A década 20 em Pernambuco**: uma interpretação. Rio de Janeiro: [*s.n.*], 1972.

CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL. **Artur Bernardes**. Disponível em: https://atlas.fgv.br/verbetes/artur-bernardes. Acesso em: 05 nov. 2022**.**

CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL.**Carlos Eduardo de Lima Castro**. Disponível em: https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CASTRO,%20Eduardo%20de%20Lima.pdf.Acesso em: 05 nov. 2022.

DOSSE, F. **O desafio biográfico** – escrever uma vida. São Paulo. Edusp, 2009.

LUCA, Tânia Regina de. A história dos, nos e por meio dos periódicos. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

MANDELA, Nelson. **Conversas que tive comigo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

NAPOLITANO, Marcos. **História do Brasil República**: da queda da Monarquia ao fim do Estado Novo. São Paulo: Contexto, 2021.

NASCIMENTO, Luiz do. **História da imprensa de Pernambuco** (1821-1954). Diários do Recife – 1829/1900. Recife: Imprensa Universitária - UFPE, 1966.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloísa Murgel. **Brasil**: uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.